

## E A EDUCAÇÃO PARA A AFIRMAÇÃO DA DE MULHERES NEGRAS

Tamires Carneiro da Silva<sup>1</sup>  
Mayra Euzebio dos Santos<sup>2</sup>  
Maria da Conceição dos Reis<sup>3</sup>

### Resumo

Pensando na construção da identidade da mulher negra como um processo educativo que acontece por meio da interação social de diferentes maneiras, o presente artigo se propõe a investigar como a obra de Carolina Maria de Jesus influencia na educação para a afirmação da identidade de mulheres negras. Para tal, foram realizadas entrevistas com cinco mulheres negras que leem Carolina e a utilizam como referência, nos diferentes espaços em que atuam. Durante as entrevistas foram destacados pontos como, elementos educativos, como Carolina entrou na vida dessas mulheres, Carolina enquanto referência de escritora negra, elementos de afirmação de identidade na obra da autora. Através dos quais, pôde-se perceber que sendo mulher, negra e periférica, com uma escrita forte, trazendo reflexões e críticas acerca da configuração social em que estava inserida, Carolina influencia no processo de construção e afirmação de identidades dessas mulheres, levando-as a refletir e questionar a situação de negação historicamente imposta à mulher negra no Brasil.

**Palavras-chave:** Carolina Maria de Jesus; Identidade; Mulheres Negras.

### Introdução

A escolha de se debruçar sobre a obra de Carolina Maria de Jesus se deu entre outros, por um motivo principal, o fato de sermos Mulheres, Negras e Periféricas, conhecendo a condição da mulher negra e pobre no Brasil ao nos deparar com os escritos de Carolina, nos sentimos impactadas, pois, percebemos que aquela realidade, descrita pela autora, muito se assemelha à realidade das negras periféricas brasileiras, como nós e tantas outras que conhecemos e convivemos cotidianamente.

Estudiosas como Geny Ferreira Guimarães; Mariana Santos de Assis; Flávia Rios<sup>4</sup>, entre outras, já revelaram que o importante na obra de Carolina não é o quanto ela produziu, mas sim, o quê. Vasta, é a quantidade de escritos e os desejos contidos

<sup>1</sup>Concluinte de Pedagogia ó Centro de Educação ó UFPE. E-mail: tamires.carneiro.silva@gmail.com

<sup>2</sup>Concluinte de Pedagogia ó Centro de Educação ó UFPE. E-mail: mahhsantos@hotmail.com

<sup>3</sup>Professora Adjunta do Departamento de Administração Escolar e Planejamento Educacional ó Centro de Educação ó UFPE. E-mail: cecareis@hotmail.com

<sup>4</sup>As três possuem escritos sobre Carolina Maria de Jesus, seus artigos compõem o livro *Onde estaes felicidade?*. Que reuni artigos de estudiosas da obra e alguns textos inéditos de Carolina.

ro e etc.), mas o que nos impressiona mesmo é o . ãA força e lucidez emitidas por meio de suas palavras escritas representam espelhos refletindo cada uma de nós. Por isso, somos todas Carolinas!ö (GUIMARÃES, 2014, p. 78)

Ainda no século XX Carolina rompeu com o lugar imposto à mulher negra pela sociedade, tendo consciência de sua negritude e assumindo-a, se impondo frente ao machismo e o racismo, que naquela época, apresentava-se de outras formas, mais ainda assim tão violento e cruel como hoje. A mulher negra e periférica que narrou, como nunca havia sido feito antes, o cotidiano da periferia brasileira, teve seu primeiro livro *O Quarto de Despejo* publicado em 1960 com mais de um milhão de cópias vendidas, traduzido para 13 idiomas e distribuído em cerca de 40 países, segundo dados do IPHAN. Sua obra, apesar do sucesso, não agradou aos críticos da Literatura Brasileira da época, sua escrita foi subjugada e considerada inferior as õgrandes literaturasö brasileiras.

Carolina Maria de Jesus nasceu em 1914 em Sacramento/MG, onde viveu durante sua infância e parte da adolescência, descendente de escravizados que mudaram para a região de Sacramento durante a mudança das atividades econômicas da região do ouro para atividades agropecuárias. No livro *Cinderela negra: a saga de Carolina Maria de Jesus* Levine e Meihy trazem uma biografia de Carolina que nos ajuda a conhecer um pouco mais de sua história.

O tempo de escolarização de Carolina foi de apenas dois anos, em um colégio espírita, sob o incentivo de uma senhora, branca que mantinha a instituição. Durante a adolescência Carolina migrou entre várias cidades, com sua mãe sempre em busca de emprego. Após o falecimento de sua mãe em 1947, ela parte para São Paulo e a partir daí teve que trabalhar das mais diversas formas para ganhar dinheiro, inclusive como empregada doméstica.

Em 1948 Carolina grávida e desempregada, por conta da gravidez, se viu obrigada a viver numa favela construída basicamente por migrantes que chegavam a todo o momento a capital paulista. Carolina construiu seu barraco na favela do Canindé/SP onde viveu com seus três filhos João José, José Carlos e Vera Eunice até 1960. Após a publicação do seu primeiro livro *O quarto de despejo*, mudou-se para Osasco/SP e em seguida para sua tão sonhada casa de alvenaria no bairro de Santana, região de Imirim/SP.

nceira, resultante dos lucros da obra *O quarto de* Carolina entendia que sempre existiria preconceito em sua vida, e percebia o quanto era explorada pelos que também lucravam com sua produção literária. Em 1961 é lançado seu segundo livro *Casa de Alvenaria: diário de uma ex-favelada*, este com apenas três mil exemplares vendidos. O terceiro livro foi lançado em 1963 *Provérbios de Carolina Maria de Jesus*, custeado pela própria autora, vendeu ainda menos que *Casa de alvenaria* e não gerou lucros. Posteriormente ainda surge um novo texto *Pedaços da fome* um romance que também foi amplamente criticado.

Daí para frente, a condição financeira de Carolina foi decaindo, forçando-a por vezes a retomar as atividades de catadora de papel. No dia 13 de Fevereiro de 1977 Carolina faleceu aos 63 anos de idade, mas com a aparência de quem estava beirando os 80. Após sua morte foi lançado *Diário de Bitita* em 1986, sua autobiografia que nunca foi concluída. Outras obras póstumas foram lançadas décadas mais tarde, reunindo textos inéditos de Carolina e pesquisas sobre a obra da autora, em 1996 *Antologia Pessoal*, sob a organização de José C. S. Meihy; ainda em 1996 e também sob organização do Meihy, *Meu Estranho Diário*; e o mais recente, *Onde estaes Felicidade?* Lançado em 2014 em iniciativa da Me Parió Revolução.

Considerando as amarras do racismo na sociedade brasileira, que perpetuam ainda no século XXI desvalorizando, subjugando e inferiorizando a produção cultural das pessoas negras, entendemos a importância de evidenciar, inclusive dentro do espaço acadêmico, tais produções. Levando em consideração também, que o processo educativo se concretiza de diversas formas, acreditamos na importância desta escrita de autoria feminina, negra e periférica, na formação e afirmação da identidade das negras que se entregam a tal leitura, negras que assim como nós, se reconhecem nas memórias de Carolina.

Diante de tal realidade, a questão que se anuncia é: de que forma a obra de Carolina Maria de Jesus, influencia no processo educativo de construção e afirmação da identidade das mulheres negras que a leem? Pois, sabemos que a identidade é construída e ainda afirmada ou negada no convívio em sociedade, através de experiências diversas como leituras, vivências, músicas ouvidas e todas as formas de interação dentro e fora da escola.

Dessa forma, estabelecemos com objetivo geral da pesquisa: identificar a influência da obra de Carolina Maria de Jesus no processo educativo para a afirmação

como objetivos específicos: identificar elementos da obra de Carolina Maria de Jesus; elementos de afirmação da identidade de Mulher Negra na obra de Carolina; verificar os impactos da obra de Carolina no processo de afirmação da identidade de suas leitoras negras.

Vale ressaltar que acreditamos também na importância das pesquisas e estudos sobre pessoas negras, bem como suas histórias e memórias, como forma resgatar tais histórias que foram durante tanto tempo ocultadas e que na academia ainda são pouco faladas. Sabemos que esse trabalho também assume o papel de representatividade da mulher negra dentro da universidade, que dentro das estatísticas, ainda aparece em menor número e mesmo ocupando aos poucos o espaço acadêmico ainda se acha pouco representada na academia.

### **Marco teórico**

Este trabalho pretende compreender como a obra de Carolina Maria de Jesus contribui para o empoderamento e educação para a afirmação da identidade das mulheres negras que à leem. Nesse sentido o referencial teórico situa-se em autores cujos estudos estão direcionados a educação, identidade e estudos sobre a condição da mulher negra no Brasil.

Para discutir sobre educação, as contribuições de Paulo Freire para o entendimento de processo educativo darão um enfoque teórico, considerando que o autor possibilitou um novo olhar para a educação no Brasil e em outros países. Também serão mencionadas as ideias de Brandão sobre o que é educação.

Tratando do tema identidade, a reflexão será permeada junto à ideias de Norbert Elias sobre o conceito de identidade, a partir da relação entre o indivíduo e sociedade, Elias considera que essa relação é fundamental no processo de construção da identidade, já que, para que haja um empoderamento, é preciso que o indivíduo se reconheça em sua singularidade, para que futuramente possa se reconhecer na sua pluralidade. A discussão sobre identidade negra será norteadas a partir das ideias de Kabengele Munanga e Neusa Santos.

A reflexão sobre a condição das mulheres começará com a concepção de Judith Butler sobre a categoria mulher e seguirá com o enfoque nas condições impostas às mulheres negras no Brasil, embasada nas ideias de Munanga e Gomes, fazendo um

ões, e apoiando-se nos dados do Plano Nacional de  
5 e as contribuições trazidas por tal documento.

## Educação

Ao pensar na educação, uma das frases que primeiro vem à mente, é dita por Carlos Rodrigues Brandão no livro *O que é educação: "Ninguém escapa à educação"*. Sabemos que a educação se faz presente em todos os espaços sociais, na rua; na escola; em casa; na igreja; nas rodas de conversas entre amigos. E por vezes ainda, o encontro com a educação acontece fora do espaço coletivo, tal encontro também pode ocorrer na leitura de um livro, na escuta de uma música, em um filme assistido.

Em todos esses espaços aprendemos conceitos, posturas, valores, ideias e ideologias que permeiam contextos culturais e sócio históricos. Nesse sentido, compreende-se que existem educações e como nos mostra Brandão (2007), a educação será, como outras, uma fração do modo de vida dos grupos sociais que criam e recriam processos educativos, entre tantas outras invenções de sua cultura, em sua sociedade.

Assim considera-se que não existe ação educativa neutra, seja a ação educativa formal ou não, dentro ou fora do espaço escolar, tal ação não assume neutralidade. Todo processo educativo se estabelece em sociedade, logo, vai refletir as condições e contradições sociais, políticas e econômicas da mesma. Nesse sentido Paulo Freire (1981, p.118), nos chama atenção:

Na verdade, porém, não é a educação que forma a sociedade de uma certa maneira, mas a sociedade que, formando-se de uma certa maneira, constitui a educação de acordo com os valores que a norteiam. Mas, como este não é um processo mecânico, a sociedade que estrutura a educação em função dos interesses de quem tem o poder, passa a ter nela um fator fundamental para sua preservação.

Na prática podemos observar a todo instante como o pensamento freiriano, a respeito da educação, é coerente com a realidade e como os princípios de uma sociedade que se organiza sob uma lógica eurocêntrica, cristã, heteronormativa e capitalista se traduzem, de forma a influenciar fortemente, os diversos mecanismos educacionais como a escola, a literatura, a mídia e outros espaços de aprendizagens.

No entanto, a percepção dessa dimensão só acontece para os sujeitos, quando a educação assume sua natureza política, se tornando instrumento de conscientização. E

na que a educação deve ter como um de seus correntes que os impedem de se conhecerem e se reconhecerem enquanto sujeitos históricos. E só então, serão capazes de descobrir os caminhos para transformar a sua condição.

Dessa forma a educação não pode ser apenas mera transmissão de conhecimento ou conteúdo. Mas, segundo Freire (1996) ela deve se apresentar enquanto processo contínuo que orienta, que conduz os indivíduos às novas descobertas, para que os mesmos possam tomar suas próprias decisões dentro de suas capacidades. E dessa forma o sujeito vai transformando o mundo ao mesmo tempo em que se transforma.

## Identidade

Antes de iniciar a discussão sobre identidade é preciso levar em consideração, que a sociedade é formada por um grupo de pessoas, que cada pessoa possui sua singularidade e que a identidade é construída através da relação entre indivíduo e sociedade. Esse processo se dá através do autorreconhecimento de cada pessoa, ou seja, é preciso conhecer a si próprio, é preciso conhecer o outro e, só a partir dessa compreensão é possível que o indivíduo se sinta parte de uma pluralidade, ou seja, de uma sociedade.

Elias em seu livro *sociedade dos indivíduos* (1994) permite uma reflexão sobre esta relação entre indivíduo e sociedade. Segundo a teoria elisiana, toda ação individual é resultado do processo de socialização e, para o autor o caráter individual e a decisão pessoal podem exercer considerável influência nos acontecimentos históricos (ELIAS, 1994, p. 43). E mesmo que um indivíduo tenha influência de atos de outros, Elias considera que ele não é passivo diante de suas decisões, o seu pensamento individual está presente em cada ação realizada, esses atos são resultados do autocontrole constituído no processo civilizador, este processo permite compreender as transformações históricas e como elas influenciam a sociedade e consequentemente os indivíduos em suas ações.

Neste contexto, de acordo com Reis (2013) para obter uma melhor compreensão do processo de construção da identidade negra, não se deve estudar a pessoa negra de forma isolada, já que o processo se dá através da relação indivíduo e sociedade, é necessário estudar o desenvolvimento individual e coletivo da população negra, levando



o desse povo no contexto social, cultural, político,

Desde o período de colonização do Brasil a população negra é atingida por uma representação negativa de sua imagem, o que resulta até os dias atuais em uma sociedade carregada de preconceitos raciais, que explicitamente impossibilita o sentimento de pertencimento. Alguns autores em seus estudos fazem uma reflexão sobre o processo de embranquecimento, que pretendia extinguir a população negra, Munanga em seu livro *Rediscutindo a mestiçagem no Brasil* (1999) menciona que este processo visava um embranquecimento físico e psíquico da população e, mesmo tendo fracassado no método físico, até hoje o processo psíquico perpetua na população brasileira. Souza em *Torna-se negro* (1983) retrata como o preconceito racial foi implantado de forma tão cruel, violenta e eficaz no subconsciente da população negra que até nos dias atuais impede que a pessoa negra empodere-se da real concepção do que é ser uma pessoa negra. Souza (1983, p. 05) menciona que:

O negro sabe igualmente que, hoje como ontem, pela fome de lucro e poder, o branco condenou e condena milhões e milhões de seres humanos à mais objeta e degradada miséria física e moral. O negro sabe de tudo isto e, talvez, muito mais. Orem, a brancura transcende o branco. Eles ó indivíduo, povo, nação, ou Estado Brancos ó podem òenegrecer-seö. Ela, a brancura, permanece branca. Nada pode macular esta brancura que, a ferro e fogo cravou-se na consciência negra como sinônimo de pureza artística; nobreza estética; majestade moral; sabedoria científica etc. O belo, o bom, o justo e o verdadeiro são brancos. O branco é, foi e continua sendo a manifestação do espírito, da Idéia, da razão.

Ao refletir sobre a forma negativa e inferiorizada que a imagem da população negra foi instalada no Brasil, é fácil perceber que um dos principais obstáculos para a superação do branqueamento é a falta de pertencimento, não há uma auto-afirmação por parte da negritude, vale ressaltar que para Munanga (1999), o processo de construção da identidade negra vai muito além da cor da pele, é preciso uma identificação com a cultura, a história, a religião e a resistência.

Afinal quem quer assumir uma identidade de um povo considerado inferior, desprovido de inteligência, marginalizado? Considerando que estas condições são desumanas, possivelmente nenhum ser humano desejaria ser pertencente à população negra.

s dos movimentos sociais negros não são atuais, há lutando para desconstruir a imagem inferiorizada do negro, que há tanto tempo é reproduzida no inconsciente da população brasileira. Munanga descreve algumas especificidades da identidade negra defendida e perpetuada pelos movimentos sociais negros, dentre elas estão:

Seu passado histórico como herdeiros dos escravizados africanos, sua situação como membros de grupo estigmatizado, radicalizado e excluído das posições de comando na sociedade cuja construção contou com seu trabalho gratuito, como membros de grupo etnicorracial que teve sua humanidade negada e a cultura inferiorizada. Essa identidade passa por sua cor, ou seja, pela recuperação de sua negritude, física e culturalmente. (MUNANGA, 1999, p.14)

Considerando que o processo de construção de identidade depende das relações sociais que constituem o meio social em que uma pessoa vivencia suas experiências, de como o meio social exerce um controle sobre essa pessoa e como essa pessoa exerce um autocontrole em suas ações, é preciso compreender que esse processo é lento e está em constante transformação.

### **A mulher negra no Brasil**

Ao analisar a situação da mulher no Brasil de hoje não podemos deixar de pensar nas particularidades do grupo de mulheres ao qual nos reportamos. Segundo Butler (2008), não se pode separar as noções de gênero das interseções políticas e culturais em que esta, está invariavelmente, produzida e mantida.

Se alguém vê uma mulher, isso certamente não é tudo que este alguém é; o termo não logra ser exaustivo, não porque os traços predefinidos de gênero da pessoa transcendam a paraférrica específica de seu gênero, mas porque o gênero nem sempre se constituiu de maneira coerente ou consciente nos diferentes contextos históricos, e porque o gênero estabelece interseções com modalidades raciais, classistas, étnicas, sexuais, regionais e de identidades discursivamente construídas. (BUTLER, 2008, p. 20)

Assim, quando olhamos para a situação da mulher negra no Brasil de hoje, se faz necessário pensar também no longo percurso de escravidão vivido por essas mulheres e que parece se prolongar até os dias atuais. Em 2011 as mulheres representavam cerca de



is por todas as regiões do país, segundo o *Plano* *lhères 2013-2015*. Ainda assim, a mulher negra continua em último lugar na escala social e é a que vai carregar a maior parte das desvantagens de um sistema injusto e racista consolidado no país.

O mesmo documento chama nossa atenção para a maneira como o sexismo e racismo estão articulados e incidem de forma implacável sobre o significado do que é ser mulher negra no Brasil.

O racismo constrói uma postura hierárquica que ser negra significa ser inferior. O sexismo por sua vez desqualifica a mulher, hierarquiza as relações de gênero, impõe a heteronormatividade como única forma do exercício da sexualidade e considera desviante e negativa o exercício das relações sexuais entre pessoas do mesmo sexo. (BRASIL, 2011, p. 84)

Ao refletir sobre a condição da mulher negra na sociedade brasileira, Munanga; Gomes (2006, p. 133) acrescentam:

Apesar das transformações nas condições de vida e papel das mulheres em todo o mundo, em especial a partir de 1960, a mulher negra continua vivendo uma situação marcada pela dupla discriminação: a de ser mulher em uma sociedade machista e a de ser negra em uma sociedade racista.

Nesse contexto, compreende-se que situação da mulher negra no Brasil, apesar de alguns avanços, ainda tem muito que mudar. ãA negra que, durante o período escravista atuava como trabalhadora forçada, após a abolição, passa a desempenhar trabalhos braçais insalubres e pesados.ö (MUNANGA; GOMES, 2006, p. 133).

A mulher negra tem sido na maioria dos casos, a base de sua família, que muitas vezes se constitui dela mesma e dos filhos. Essa mesma mulher que sustenta sua família, é quem vai cuidar da casa e dos filhos de outras mulheres (em maioria branca) para que estas possam cumprir uma jornada de trabalho fora de casa. Nesse sentido Munanga e Gomes (2006) nos chamam atenção que ao falarmos sobre uma das características da mulher moderna, que sai do espaço doméstico da casa, para ganhar o espaço público da rua, do mundo do trabalho, temos que ponderar que, na vida e história das mulheres negras, a ocupação do espaço público da rua, o trabalho fora de casa já é uma realidade muito antiga.

a e marginalidade a que está submetida à mulher  
teriorização da condição de inferioridade, que na  
maioria das vezes, vai inibir a reação de luta contra as discriminações sofridas. E sabemos da importância de tal reação, que se constitui como fator fundamental da construção de uma identidade que encontra-se em processo desde da abolição da escravidão no Brasil e que tem mostrado avanços, inclusive pela própria organização desse grupo de mulheres no cenário nacional, que se apresentam cada vez mais questionando as relações de poder que estruturam nossa sociedade.

Pensar a situação da mulher negra no Brasil atual é também levar em consideração que, em uma sociedade democrática, o respeito às diferenças: de raça, etnia, gênero, orientação sexual, aparência física e tantas outras diferenças, não se faz abandonando cada segmento a sua própria sorte. Mas sim, com a promoção de políticas públicas e ações afirmativas, bem como questionando as relações de poder que estruturam essa sociedade tão hierarquizada.

### **Procedimentos Metodológicos**

A opção pela pesquisa de campo qualitativa acontece devido ao fato de tal abordagem se preocupar muito mais com o processo do que com o produto. Neste tipo de pesquisa a interação com o campo é de extrema importância e deve ocorrer de forma contínua, são estudadas as relações que os sujeitos estabelecem com o meio e se atribui atenção especial ao valor que as pessoas dão as coisas e a sua vida.

Sobre esse tipo de pesquisa Ludke e André (1986, p. 13) completam: ãA pesquisa qualitativa, envolve a obtenção de dados descritivos, obtidos do contato direto do pesquisador com a situação estudada, enfatiza mais o processo do que o produto e se preocupa em retratar a perspectiva dos participantes.

A história oral foi a metodologia escolhida, por valorizar os depoimentos de sujeitos, que no caso dessa pesquisa é fator fundamental para análise e discussão da problemática. Segundo Alberti (2005, p. 18),

a história oral é o método de pesquisa (histórica, antropológica, sociológica, etc.) que privilegia a realização de entrevistas com pessoas que participaram de, ou testemunharam, acontecimentos, conjunturas, visões de mundo, como forma de se aproximar do objeto de estudo. Como consequência, o método da história oral produz

sulta (as entrevistas) para outros estudos, podendo ser  
n acervo a pesquisadores.

Nesse sentido foram feitas entrevistas semi-estruturadas, enquanto fontes orais dessa pesquisa, com cinco mulheres negras que leram ou leem Carolina Maria de Jesus e a utilizam como referência de escritora negra brasileira. Sabendo que os escritos de Carolina fazem o relato de uma mulher negra e periférica no Brasil da década de 1960, trazendo discurso marcado por críticas à sociedade racista e classista da época, acreditamos que sua fala empoderada ajuda no reconhecimento e empoderamento de outras mulheres negras ainda hoje.

Outro caminho trilhado pela pesquisa foi à busca por fontes orais através da pesquisa bibliográfica, que segundo Fonseca (2002) é inerente a qualquer trabalho científico.

A pesquisa bibliográfica é feita a partir do levantamento de referências teóricas já analisadas, e publicadas por meios escritos e eletrônicos, como livros, artigos científicos, páginas de web sites. Qualquer trabalho científico inicia-se com uma pesquisa bibliográfica, que permite ao pesquisador conhecer o que já se estudou sobre o assunto. (FONSECA, 2002, p.32).

Dessa forma, além das pesquisas previamente desenvolvidas sobre Carolina Maria de Jesus, durante o trabalho nos debruçamos sobre a obra *Quarto de Despejo*, a fim de identificar os aspectos educativos e elementos de afirmação de identidades presente em tal obra.

Os dados obtidos durante a pesquisa serão explorados com base na análise de conteúdo, que de acordo com Bardin (1979) permite uma percepção mais crítica do que está sendo analisado. A esse respeito a autora completa que a análise de conteúdo pode ser definida como:

Um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter, por procedimentos, sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens. (BARDIN, 1979, p. 42)

para o método de análise seguirão as três fases: compreendem a pré-análise; a exploração do material; o tratamento das informações obtidas com as entrevistas, e a interpretação.

Durante a pesquisa, como dito acima, foram realizadas entrevistas com cinco mulheres negras, de diferentes idades e que atuam em diferentes espaços sociais. Mulheres com histórias de vida distintas, mas com um ponto em comum: o gosto e interesse por literatura de autoria feminina negra.

Segundo Alberti (2005), não se pode pensar em história oral sem pensar em biografia e memória. Assim num momento de entrevista se privilegia a biografia e a memória do entrevistado. Com a intenção de valorizar essas memórias, que são tão subjetivas e ainda assim coletivas, no sentido que apresentam um caráter de permanência entre as mulheres negras, optamos por revelar a identidade das entrevistadas, pois sabemos que nesse processo o esse lugar de fala de cada mulher, também vai refletir em suas memórias e construções coletivas. Para tal, cada entrevistada autorizou o uso e divulgação das entrevistas, como também de sua identidade, através de uma declaração de direitos de uso e divulgação de relato oral.

As entrevistas aconteceram em dias diferentes e também em lugares distintos, como o ambiente de trabalho; evento acadêmico; em casa e na própria universidade. Ficou claro na fala de todas as entrevistadas, que a literatura de Carolina Maria de Jesus é uma referência para as mulheres negras, que ao conhecerem sua obra literária logo se identificam. Cada uma à sua forma, mas a identificação é certa, seja pela escrita forte e de denúncia, seja pela vida difícil, seja pelo lugar de fala. Carolina torna-se quase um espelho, com reflexo de opressões, persistência, denúncia e negação, aspectos vivenciados cotidianamente por tantas mulheres negras e periféricas hoje no Brasil. A seguir apresentamos um breve perfil dessas mulheres negras.

### **Perfil das entrevistadas**

- **Maria Cristina do Nascimento.**

É professora da Rede Municipal de Ensino do Recife. Com 47 anos, Cris Nascimento, como é conhecida popularmente, trabalha com educação das relações étnico-raciais no GTERE<sup>5</sup> dentro da equipe de formação de professores e professoras da

---

<sup>5</sup>Grupo de Trabalho em Educação das Relações Étnico-racial. Foi criado em 21 de março de 2006 pela portaria n° 489/2006 e faz parte do Programa de Combate ao Racismo Institucional (PCRI) na Secretaria de Educação do Recife.

e Mulheres de PE, das Loucas de Pedra Lilás e de a AMB (Articulação de Mulheres Brasileiras), recentemente compôs o Comitê Pernambucano da Marcha de Mulheres Negras. Cristina ressalta que ser mulher negra é ser uma mulher que tem na pele escura e em cada fio de cabelo a história de muita força, de muita resistência, de muita festa, de muito axé, de muita fortaleza, de muita criatividade. Elementos que fazem parte do seu dia a dia, no trabalho, na militância, na vida.

- **Danyelle Cristina Vieira de Oliveira:**

Tem 27 anos e é estudante de pedagogia da UFPE. Danyelle busca uma formação voltada para a educação das relações étnico-raciais, valoriza seus saberes que antecedem a academia, como as participações em grupo culturais diversos. Em sua trajetória de vida, destaca que o reconhecimento de sua negritude veio muito cedo nos espaços sociais por ela frequentados e ao chegar na universidade, essa identidade negra vai se colocar como forma de resistência no dia a dia de uma estudante, mulher negra, em um espaço contraditório que é a academia.

- **Iracema Soraya da Silva.**

Tem 33 anos e possui formação em Educação Artística com Habilitação em Arte Cênicas pela UFPE. Atualmente seus trabalhos envolvem teatro, circo e arte-educação. Em 2014 Soraya estreou o espetáculo Olhos de Café Quente, baseado em textos de Carolina Maria de Jesus e Elisa Lucinda. Seu processo de construção de identidade enquanto mulher negra foi acontecendo aos poucos, segundo ela através de estudos, e de suas interações sociais com amigos e o próprio trabalho. Soray hoje encara sua arte como forma de militância e acredita que ser mulher negra é ter a consciência do próprio potencial humano, e saber que este, é independente da cor de pele.

- **Inaldete Pinheiro de Andrade.**

É Feminista e militante do Movimento Negro. Uma das precursoras do Movimento Negro em Pernambuco. Inaldete é formada em enfermagem pela UFPE e com mestrado em serviço social pela mesma universidade. Atualmente é escritora de literatura infantil e outros textos relacionados às temáticas de gênero e raça, além de atuar ativamente nas articulações de mulheres e no movimento negro de forma geral. É reconhecida nacionalmente pela relevância de seus escritos e sua atuação na militância. Ela destaca que o reconhecimento de sua negritude aconteceu desde muito cedo na sua família e que esse reconhecimento ela levou para sua vida e sua militância. Para Inaldete, ser uma mulher negra é ser uma Carolina, com sua independência, com sua

enfrentar o mundo como for possível e se renovar

- **Marília Gabriela Santos**

Tem 30 anos e é assistente social de formação. Atualmente assume o trabalho de educadora social enfatizando as questões de gênero e ministrando oficinas sobre tráfico de pessoas e outras temáticas a questão. Marília é militante do Movimento de Juventude e integra o grupo Quebra Cabeça do Morro da Conceição ó Recife/PE. Marília destaca que o ponto forte do seu reconhecimento enquanto mulher negra aconteceu ao assumir seu cabelo e sua estética negra e reconhece a importância desse processo na construção de uma identidade. Para ela ser mulher negra num país racista e machista é ser acima de tudo, uma mulher de coragem, de atitude, de força, de guerra, de paz, de comunhão, de respeito, de luta, de militância.

### **Carolina enquanto referência de escritora negra**

A obra de Carolina traz uma escrita autêntica e abordagens sobre a conjuntura social do Brasil, principalmente sobre a condição de vida da mulher negra e periférica, levantando reflexões, críticas e denúncias.

Levando em consideração que sua primeira obra publicada *Quarto de despejo: diário de uma favelada* tornou-se mundialmente conhecida, foi traduzida para treze idiomas e alcançou aproximadamente quarenta países. E que em alguns países da Europa e nos Estados Unidos sua obra é utilizada como objeto de estudo quando se deseja conhecer a estrutura da sociedade brasileira, podemos afirmar que ela é uma referência enquanto escritora negra além das fronteiras do Brasil. Sobre a internacionalidade desta literatura, as fontes orais completam:

Carolina é sobretudo uma referencia internacional para a cultura brasileira. O fato de de ter sido publicada em mais de 13 idiomas em mais de 40 países. O fato de ser estudada em países da Europa, por exemplo, como forma de compreensão da cultura brasileira. (Soraya)

Quando você quer conhecer sobre coisa específica do Brasil, seja favela, seja desigualdade, seja o estudo propriamente como foi dito muito bem, é o estudo sociológico da construção social do Brasil, Carolina é uma referência lá fora sabe, disparada. (Danyelle Vieira)



os relatos das mulheres negras entrevistadas, uma referência mais íntima para suas leitoras, visto que o conteúdo de sua escrita carrega toda a intensidade da sua história de vida. O diário intitulado *Quarto de despejo* não traz apenas o cotidiano de escritora, ele descreve também o dia a dia de muitas outras mulheres negras brasileiras, desde a década de 1950 (período em que Carolina escreve seu diário) até os dias atuais, provando que sua obra perpassa gerações e a existência de muitas mulheres na mesma condição ou em condições semelhantes à da vida da autora no Brasil hoje. Assim, tornando sua obra instrumento de mobilização e resistência na vida de dessas mulheres negras que se deparam tal literatura, M<sup>a</sup> Cristina fala sobre isso no trecho abaixo:

Então pra mim ela é uma referência na literatura, mas é também uma referência enquanto uma mulher que teve na sua trajetória, uma movimentação que mobiliza outras mulheres que estão no movimento social, no movimento de luta pela moradia, até o movimento de mulheres negras[...] como ela escrevia e como ela se posicionava no mundo. Ela é fantástica. Ela é pura resistência. (M<sup>a</sup> Cristina)

A capacidade de superação e a quebra dos estereótipos dos escritores e escritoras daquela época são também aspectos que a torna referência para suas leitoras, às narrativas seguintes expressam esse pensamento:

Uma mulher semi-analfabeta, vinda de um ambiente de muita restrição, talvez com perdas afetivas uma atrás da outra, sai de uma cidade para outra e encontra uma profissão que era comum à mulheres na condição dela, mulheres e homens negros. A partir da moradia de favela, vai catar lixo e desse lixo extrair livro, extrair papel para escrever seus livros... Isso é fantástico. (Inaldete)

O fato de ser uma mulher com uma história de vida realmente exemplar, no que diz respeito a sua luta, a sua persistência, ao seu autodidatismo e ao mesmo tempo estar inserida em uma realidade completamente inóspita, desumana, injusta, anti democrática, e com todos os piores adventos que a vida social poderia lhe oferecer, ela ainda sim, foi uma verdadeira transformadora de sua realidade.

Uma guerreira e vencedora! Realmente uma personalidade referência para todos os seres humanos! (Soraya)

Ela faz essa literatura legítima sem ao menos ter ido pras grandes universidades. (Danyelle Vieira)

O conteúdo da obra de Carolina tem um cunho social, como já foi mencionado acima. Considerando que os escritos do cotidiano descrevem a realidade do povo

estrutura social. Quanto a esse pensamento as

Mas principalmente por trazer em sua literatura uma realidade muito típica ligada a formação e organização do povo brasileiro. Uma verdadeira aula de sociologia e antropologia para entender como eram, e são, organizadas a vida e o cotidiano de um povo em constate luta! (Soraya)

Então toda essa relação humana, essa relação social, essa relação racial vai estar descrita tanto de forma explícita na literatura de Carolina, quanto de forma implícita ou até mesmo nas entrelinhas. (Danyelle Vieira)

A partir desses relatos, consideramos Carolina referência enquanto escritora quando queremos falar sobre a estrutura social do Brasil, principalmente quando se quer conhecer a realidade da favela, como é a vida da mulher negra nas periferias brasileiras e quando desejamos compreender como e quanto à mulher negra precisa resistir e lutar todos os dias por seu espaço na sociedade.

### **Carolina na vida das entrevistadas**

Talvez, para alguns, o fato de Carolina Maria de Jesus entrar na vida da maioria das pessoas, inclusive das cinco entrevistadas nesta pesquisa, já na vida adulta seja uma coincidência. Porém, acreditamos que não há coincidência nisso.

Olhando para a literatura brasileira percebemos uma lacuna, uma quase ausência de escritores negros e ao olhar para as escritoras negras parece que a ausência é ainda maior. Não porque não existam ou não tenham existido na história do Brasil, mas porque, no quadro dos grandes nomes da literatura a mulher negra foi negada também como em tantos outros espaços sociais. Nomes como Carolina Maria de Jesus, Maria Firmina dos Reis, Conceição Evaristo, Ana Maria Gonçalves e tantas outras parecem ter sido ocultados dos espaços literários durante muito tempo.

Devido a organização das mulheres, dentro e fora do Movimento Negro e dos Movimentos Feministas, essa temática da invisibilidade, da negação da mulher negra tem sido cada vez mais recorrente. Existe uma busca por empoderamento que leva mulheres a procurar cada vez mais literaturas de autoria feminina negra. O que pode explicar o fato de, para todas as entrevistadas, o primeiro contato com Carolina

u ainda através de outras mulheres. Como observa-

Eu estava fazendo um curso de aperfeiçoamento na UFRPE... e uma das monitoras do curso chegou e disse: gente é imperdível vocês precisam conhecer, a gente precisa se apropriar mais. Ela chegou e disse logo assim:- vocês conhecem a Carolina Maria de Jesus? O ano que vem faz cem anos dela. (M Cristina)

Uma amiga colaboradora do trabalho me apresentou a Carolina através de um vídeo da fundação Itaú, que faz uma homenagem a várias personalidades brasileiras. (Soraya)

Conheci a partir de uma aula na faculdade a professora levou o livro, comentou do livro, levou o livro como indicação de leitura. (Marília Gabriella)

Eu conheci Maria Firmina dos Reis, depois foi Alta de Souza e dentro disso eu conheci a Carolina, a Carolina Maria de Jesus eu conheci através da pesquisa com a intenção mesmo de ampliar esse universo dessa escrita de mulheres, dessa escrita feminina, no caso negra. (Danyelle Vieira)

Para uma mulher negra que reflete sobre as condições impostas a ela numa sociedade racista e machista, ao conhecer Carolina, o reconhecimento é certo. Fica claro a permanência nas relações racistas e machistas presentes na vida da mulher negra.

Reconheço todas as relações raciais desenhadas ali de alguma forma, reconheço meus pais, minhas avós, meus irmãos, minhas amigas, eu reconheço um coletivo inteiro, é um diário que de fato com todo direito de ser um diário, mas é um diário comum pras mulheres negras brasileiras. (Danyelle Vieira)

É uma obra não só dela, mas uma obra que eu acho que ela registrou a vida dela, mas dentro da vida dela tem a vida de várias outras mulheres. (Marília Gabriella)

Ai você começa a ver a história da sua mãe, da minha vó, das minhas tias, então esse processo ta me ajudando nisso. A reconhecer aquilo que minha mãe falava... E agora dizer: poxa, isso tem tudo haver com o que Carolina diz, com o que eu to vivenciando nesse momento. (Marília Gabriela)

Então é algo que marca e me lembra, me lembra minha avó, lembra minhas tias, lembra minha mãe. (M Cristina)

Um reconhecimento que se estende a vários aspectos da vida dessas mulheres, desde a força pra permanecer lutando, até a disciplina de escritora que foi ressaltada por Inaldete Pinheiro:

er disciplina na escrita e na leitura, qualquer leitura é  
tão eu me reconheço nisso, porque ela era disciplinada  
liariamente, se eu não fizer isso eu sinto falta. (Inaldete)

A partir dessas identificações, Carolina torna-se referência na vida dessas mulheres e de tantas outras.

### Elementos educativos na obra de Carolina

Ao pensar sobre os aspectos educativos presentes na obra da autora, destacamos a crítica social; as reflexões sobre a fome no Brasil; as reflexões acerca da organização espacial e social da cidade; o gosto pelos livros e pela leitura e a própria obra literária como uma ferramenta didática. Aspectos que também se fizeram presentes nas falas das entrevistadas.

Quando analisamos a obra *Quarto de Despejo*, nos deparamos a todo o momento, com a denúncia social que se faz presente nos escritos de Carolina. Uma escrita consciente e articulada, de quem sabia em que lugar estava situada e os perigos de falar sobre esse lugar que lhe era imposto. O que é possível observar no trecho do livro: “Um sapateiro perguntou-me se o meu livro é comunista. Respondi é realista. Ele disse-me que não é aconselhável escrever a realidade.” (JESUS, 2005, pág. 108)

A entrevistada M<sup>a</sup> Cristina também destacou em suas falas a crítica social como elemento fortemente educativo na obra de Carolina.

O que eu destacaria nela, a crítica à libertação, ao 13 de Maio, é uma passagem que eu nunca esqueço, a senzala é a favela, o quarto de despejo. Então ela faz toda uma relação extremamente profunda sociológica e antropológica essas sabedorias necessariamente têm que está na faculdade. Ela era uma verdadeira griô. (M<sup>a</sup> Cristina)

Ela tem uma crítica contundente à sociedade, às injustiças sociais, à religião católica. Ela tem um olhar sobre as relações interpessoais que aguça a gente que é educadora, a gente, que é professora a perceber algumas nuances nessas relações. (M<sup>a</sup> Cristina)

Carolina tem propriedade na escrita, pois fala do lugar de oprimida, já tinha feito a sua leitura de mundo, a partir do seu lugar de mulher negra e periférica, e sua leitura de mundo vai se fazer presente em sua escrita. Desse lugar onde se encontra, um outro elemento que será constante em sua vida e conseqüentemente em sua escrita e também vai aparecer, por vezes em caráter de denúncia, é a fome.

na vai desenvolver diversas análises. Primeiro o  
iros para com a população que passa fome;  
Posteriormente destaca-se uma análise mais complexa sobre como os empresários  
contribuíam e pareciam apreciar a manutenção da fome na vida das pessoas pobres,  
como observamos nos trechos abaixo:

Na minha opinião os atacadistas de São Paulo estão se divertindo com o povo igual o Cesar quando torturava os cristãos. Só que o Cesar da atualidade supera o Cesar do passado. Os outros eram perseguidos pela fé. E nós, pela fome!

Naquela época, os que não queriam morrer deixavam de amar a Cristo. Nós não podemos deixar de comer. (JESUS, 2005, pág. 129)

Fiquei horrorizada vendo o arroz podre. Contemplei as traças, as baratas e os ratos que corriam de um lado para o outro. Pensei: porque é que o homem branco é tão perverso assim? Ele tem dinheiro, compra e põe nos armazéns. Fica brincando com o povo igual gato com rato. (JESUS, 2005, pág. 130)

Destaca-se ainda outro trecho onde Carolina segue em suas reflexões sobre a permanência da fome na vida do povo negro e comparando-a com a escravidão: ãEu assim no dia 13 de Maio de 1958 eu lutava contra a escravatura atual ó a fome!ö (JESUS, 2005, pág. 27)

Nos escritos de Carolina, também podemos observar suas reflexões acerca da organização espacial da cidade e que lugares estavam reservados aos indivíduos nessa organização e ela sabia exatamente em que lugar estava submetida, como expressa: ãEu classifico São Paulo assim: o Palácio é a sala de visita. A Prefeitura, é a sala de jantar e a cidade é o jardim e a favela é o quintal onde se jogam os lixos.ö (JESUS, 2005, pág. 28)

O gosto pelos livros, pela leitura e escrita, também são elementos marcantes na obra da autora, e que por vezes eram expostos em seus escritos. ãNão sei dormir sem ler. Gosto de manusear um livro. O livro é a melhor invenção do homem.ö (JESUS, 2005, pág. 32). Essa intimidade com os livros e com o ato de ler, de alguma forma é passada para suas leitoras, como destaca a entrevistada Inaldete Pinheiro:

Ela me ensinou a ser disciplinada. Disciplina com a escrita e a leitura, como escritora. Aí eu como escritora, ela passa essa disciplina que ela tinha também. Então, sou eu no lugar de escritora. (Inaldete)

to que, talvez para alguns, mais aproxime a escrita  
specto que foi citado pela entrevistada M<sup>a</sup> Cristina,  
a obra de Carolina como ferramenta didática, o próprio texto da autora como elemento a  
ser utilizado em sala de aula, devido a presença de aspectos matemáticos e linguísticos:

Para mim, a forma de escrever de Carolina, esse diário e a forma direta como ela escreve, a forma poética e essa não preocupação com a linguagem chamada convencional eruditizada é um excelente material didático de alfabetização, de trabalho com jovens e adultos, na literatura, você trabalha matemática de forma fantástica, é um excelente livro para você fazer a transdisciplinaridade, nesse sentido ela foi uma descoberta, enquanto professora e alfabetizadora. (M. Cristina)

Outros aspectos como a persistência e obstinação, devido a vontade de Carolina de ser escritora e a forma como ela sempre buscou isso; e ideia de liberdade, que é perceptível nos escritos da autora, também foram citados pelas entrevistadas.

Ao pensar sobre a escrita de Carolina Maria de Jesus e o que há de educativo em tal escrita, pensamos logo na fala de Paulo Freire em seu livro *A importância do ato de ler*:

A leitura do mundo precede a leitura da palavra, daí que a posterior leitura desta não possa prescindir da continuidade da leitura daquele. Linguagem e realidade se prendem dinamicamente. A compreensão do texto a ser alcançada por sua leitura crítica implica a percepção das relações entre o texto e o contexto. (FREIRE, 1989, pág. 9)

E para compreender a dimensão dos escritos de Carolina, se faz necessário uma leitura de mundo, uma leitura do contexto social do Brasil. E essa leitura histórica era feita por Carolina a todo momento, ela estava a todo tempo se percebendo, compreendendo o seu lugar nesse contexto, o seu lugar de fala. A compreensão dessa dinâmica talvez seja o que existe de mais educativo em seus escritos para as mulheres que a leem. Perceber o lugar de fala de Carolina, ter consciência desse lugar, para então perceber o seu lugar de leitora e assim encontrar sentido na obra.

### **Elementos de afirmação de identidade na obra de Carolina**

Os elementos de afirmação da identidade negra na obra de Carolina não se apresentam na maioria das vezes de forma explícita. Ainda que a escritora se reconheça



lho da sua origem, quando afirma òeu adoro minha Completa òSe é que existe reencarnações, eu quero voltar sempre preta.ö (JESUS, 2005, pág. 58).M<sup>a</sup> Cristina também destaca este elemento de reconhecimento na seguinte fala:

A rebeldia, a afirmação do cabelo, da própria cor. (M. Cristina)

É de forma implícita e nas entrelinhas dos escritos da autora que esses elementos surgem com mais frequência e intensidade.

Segundo Elias (1994, pág. 22) òNão se compreende uma melodia examinando-se cada uma de suas notas separadamente, sem relação com as demaisö. Dessa forma, para compreender as reflexões sobre identidade negra na obra de Carolina, se faz necessário adentrar na contextualização do cotidiano social da autora e, perceber como as relações entre o indivíduo (neste caso Carolina) e sociedade, em seu cotidiano a tornam mulher negra e faz com que ela afirme frequentemente sua negritude.

Para Inaldete Pinheiro e Soraya o relato cotidiano da obra de Carolina é extremamente importante, considerando que através dele a escritora relata a realidade e a resistência diária da população negra no Brasil.

Haa... Ela tem uma coisa que eu acho fundamental, a gente fala sobre o cotidiano e ela fala sobre o cotidiano. Eu acho uma categoria fantástica, o Cotidiano. Uma categoria analítica sobre o cotidiano e isso Carolina faz de forma muito importante e com muita propriedade. (Inaldete)

São argumentos, que em sua maioria, representam passagens de sua vida e de pessoas de sua convivência, mas não apenas! Que nos mostra um senso de justiça e de arte. Um senso de luta. Um modo de encarar o mundo cheio de esperança e sobretudo de cheio de força para lutar! (Soraya)

Um dos principais elementos de afirmação da obra de Carolina é a reflexão e a denúncia sobre o racismo, a autora indaga òUm guarda civil espancou um preto e amarrou numa árvore. O guarda civil é branco. Quem sabe se guarda civil ignora que já foi extinta a escravidão e ainda estamos no regime da chibata?ö (JESUS, 2005,pág. 108). Soraya também destaca este elemento quando diz:

As obras de Carolina Maria de Jesus trazem com si um caráter muito político, poético e de denúncia. (Soraya)

de construção e afirmação da identidade negra, sobre como as concepções racistas estão enraizadas no pensamento da pessoa negra, trata-se do processo de embranquecimento psicológico mencionado por Munanga (1999), que permanece até hoje na população negra do Brasil, tentando inferiorizá-la e como essa pessoa começa a se reconhecer e se afirmar enquanto negra, a partir das opressões sociais cotidianas.

E toda essa conversa está emaranhada de tal forma na população, que a população acaba compreendendo como tal, acaba aceitando... E isso é subjetivação, subjetividade, o negro acredita, mas muitas vezes a resistência é também daí, ele pode acreditar, mas o tempo todo ele ta resistindo e depois pode até ou não tomar consciência disso, ter tomada de consciência e, daí perceber de fato o que é que ele está lidando, o quanto racista a sociedade brasileira é ai ele se empodera e começa a ter um movimento, um ato, uma presença na sociedade brasileira bem mais enfática, mais emblemática como tal. (Danyelle Vieira)

O processo de construção e afirmação da identidade negra surge na maioria das vezes a partir da negação, a princípio a identidade é negada de diversas formas seja consciente ou inconscientemente. Neste sentido Neusa Santos afirma que *o ser negro não é uma condição dada a priori, é um vir a ser. Ser negro é tornar-se negro* (SOUZA, 1983, pág. 77)

### **Influencia da obra na afirmação da identidade de mulheres negras**

Quando falamos de identidade, temos que ter clareza para compreender, que nós sujeitos históricos e culturais assumimos múltiplas identidades e de forma simultânea e por vezes até contraditória. E, falando da categoria mulheres negras, temos então dois processos identitários complexos que podem vir a se desenvolver de forma simultânea ou não.

Nilma Lino Gomes (2003) esclarece que, dentre as múltiplas identidades sociais que os negros e as negras constroem, a identidade negra é uma delas. Nesse sentido, a autora afirma:

A reflexão sobre a construção da identidade negra não pode prescindir da discussão sobre a identidade como processo mais amplo, mais complexo. Esse processo possui dimensões pessoais e sociais que não

Ao indagar as entrevistadas sobre como a obra de Carolina Maria de Jesus interfere em seu processo identitário, enquanto mulher negra, um dos pontos que foi ressaltado por vezes pelas entrevistadas foi a identificação e reconhecimento. Nesse processo de construção e afirmação de identidade, buscamos para perto quem inspira e dar forças, o reconhecimento ajuda a fortalecer essas escolhas. Como se pode perceber nas narrativas abaixo:

O que ela fez foi fortalecer o meu processo formativo, me ajudando a reafirmar as minhas escolhas políticas, as minhas escolhas em relação a visão de mundo, a continuar resistindo. Nós trazemos para perto quem acalenta as nossas lutas, ela entrou no hall das minhas preferidas. (M. Cristina)

Sendo ela uma mulher, escritora exemplo vivo dessa referência, torna-se quase que espontaneamente para quem a lê, uma fonte de extrema inspiração e identificação. (Soraya)

Outro ponto mencionado foi a persistência e perspectiva de mudança presente na vida e na obra da autora. Nesse processo de construção, os exemplos de força servem também como exemplos de fortalecimento. É o que Inaldete destaca em sua narrativa:

A insistência da perspectiva de mudança isso é muito importante para nós. (Inaldete)

Inaldete destaca ainda a importância de Carolina e sua história de vida como exemplo de quebra de estereótipo. Carolina ultrapassa o que se espera de uma mulher na negra e periférica.

Por outro lado, pode quebrar o estereótipo da favelada, da mulher favelada, essa generalização que toda favelada não presta é "mundiça". (Inaldete)

E ao mesmo tempo, a obra de Carolina nos abre os olhos para a negação que permeia a vida da população negra durante toda a história social do país. E como essa negação se agrava quando pensamos nas mulheres negras, aspectos que percebemos nas falas a seguir:

negra em vários aspectos vai se ver quanto cidadão a sua é cidadania negada a toda hora. (Danyelle Vieira)

Ler esse livro me fez ver a importância que a mulher negra tem na sociedade e o quanto ela é invisível aos olhos da sociedade, aos olhos do estado principalmente, que invisibiliza as políticas públicas, as políticas sociais, que não dá acesso ao direito. (Marília Gabriella)

A todo o momento percebemos que o processo de construção e até mesmo de afirmação de identidade de mulheres negras acontece articulado ao contexto em que tais mulheres estão inseridas e o contato com outras mulheres, exemplos de força e de luta, vão fortalecer essa construção. No caso de Carolina, o teor forte, crítico e ao mesmo tempo poético de sua obra proporciona um reconhecimento, uma identificação que atua de forma positiva e instigante em outras mulheres negras que a lêem.

### **Considerações finais**

Para o desenvolvimento desta pesquisa buscamos olhar a educação em sua forma mais ampla. A educação que não se reduz a escolarização, que acontece em diferentes espaços sociais, dentro e fora da escola. E como afirma Carlos Rodrigues Brandão, que constitui o nosso processo de humanização.

Nesse sentido compreendemos a construção de uma identidade como um processo educativo, uma construção social, histórica, cultural e plural que acontece gradativamente. E no caso da identidade de mulheres negras, esse processo é muito mais amplo. Como aponta Nilma Lino Gomes, implica a construção de um olhar de um grupo étnico/racial ou de sujeitos pertencentes a um mesmo grupo étnico/racial, sobre si mesmos, a partir da relação com o outro.

No desenvolver da pesquisa, constatamos a importância da existência de representatividade da mulher negra nos diferentes espaços sociais para uma construção e afirmação dessa identidade. Dessa forma Carolina Maria de Jesus, enquanto mulher negra, periférica, escritora e com grande consciência do espaço social em que estava inserida, nos mostra através de seus escritos que a mulher precisa ter autonomia e força para se manter na luta. E mostra de forma pungente e poética, como foi ressaltado em diferentes momentos pelas entrevistadas.

A influência da obra de Carolina no processo de construção e afirmação da identidade de suas leitoras tem seu ponto forte na identificação e reconhecimento. Seja identificação com sua escrita, seja pelo reconhecimento de suas histórias na vida da

ção com suas lutas e contestações. Mulheres negras conhecer e enxergar em Carolina retratos de suas histórias e de suas antecessoras.

A extensão educativa da obra de Carolina começa na quebra de estereótipo que a própria autora representa e se estende por seus escritos, sua narrativa do cotidiano de mulher negra e pobre, suas constantes denúncias sociais, suas reflexões acerca do racismo, machismo e sua força para continuar na luta. Esses elementos que educam de forma consciente, reflexiva e com tom de quem sabe o que quer, vão contribuir de forma positiva na afirmação e por vezes construção de uma identidade de mulher negra. Fortalecendo e alimentando a alma de suas leitoras.

Também destacamos a importância de colocar Carolina em seu lugar de referência enquanto literatura brasileira de autoria feminina, lugar que historicamente foi negado, não só a ela, mas a muitas outras escritoras negras. A mulher negra submersa em inúmeras opressões que escreve sobre sua existência. É a escrita de si a partir de seu corpo negro feminino, cheio de angústias, contradições, medos e delícias, que a torna referência para nós e tantas outras mulheres negras. E é por isso que dizemos, como outras já disseram: MUITO OBRIGADA CAROLINA!

## Referências

ALBERTI, Verena. **Manual de história oral**. 3. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2005.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Tradução: Luís Antero Reto e Augusto Pinheiro. Lisboa: Edições 70, 1979.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é educação**. São Paulo: Brasiliense, 2007.

BRASIL. Presidência da República. **Plano Nacional de Políticas para as Mulheres**. Brasília: Secretaria de Políticas para as Mulheres, 2013. 114 p.: il.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.

ELIAS, Norbert. **A sociedade dos indivíduos**. Tradução: Vera ribeiro. Revisão técnica e notas: Renato Janine Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1994.

FONSECA, J. J. S. **Metodologia da pesquisa científica**. Fortaleza: UEC, 2002. Apostila.

a liberdade. 5. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra,

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler:** em três artigos que se completam. São Paulo: Autores Associados: Cortez, 1989.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia:** saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

REIS, Maria da Conceição dos. **Educação, identidade e história de vida de pessoas negras doutoras do Brasil.** Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2013.

GOMES, Nilma Lino. **Educação, identidade negra e formação de professores/as:** um olhar sobre o corpo negro e o cabelo crespo. Educação e Pesquisa. São Paulo, vol.29, nº.1, Jan./Jun. 2003. Disponível em:<[http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1517-97022003000100012&script=sci\\_arttext](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1517-97022003000100012&script=sci_arttext)>. Acesso em: 30 nov de 2015.

GUIMARÃES, Geny Ferreira. Até onde Carolina nos leva com seu pensamento? Ao poder. In: DINHA; FERNANDEZ, Raffaella (Orgs.). **Onde estás felicidade? ó Carolina Maria de Jesus.** São Paulo: Me Parió Revolução, 2014, p. 77-98.

JESUS, Carolina Maria de. **Quarto de Despejo:** diário de uma favelada. 8ª Ed. 13ª impressão. São Paulo: Editora Ática, 2005.

LEVINE, Robert M.; MEIHY, José Carlos Sebe Bom. **Cinderela negra:** a saga de Carolina Maria de Jesus. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1994.

LÜDKE, Menga; ANDRÉ, Marli E. D. A. **Pesquisa em educação:** abordagens qualitativas. São Paulo: EPU, 1986.

MUNANGA, Kabengele; GOMES, Nilma Lino. **O negro no Brasil de hoje.** São Paulo: Global, 2006.

MUNANGA, Kabengele. **Rediscutindo a mestiçagem no Brasil** ó Identidade nacional *versus* identidade negra. Petrópolis, Rio de Janeiro, 1999.

SOUZA, Neusa santos. **Tornar-se negro:** as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1983.